



Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA – 28.09 a 01.10.2015

**Resistência e valorização do lugar frente ao avanço de Grandes Projetos na Amazônica: o drama de famílias atingidas pela Barragem de Belo Monte, Sudoeste do Pará, Brasil.**

*Resistance and Appreciation of the place regarding Important Projects in the Amazon: the struggling of the families stricken by the Belo Monte Hydroelectric Dam, Southeastern Pará, Brazil.*

MAIA, Ricardo Eduardo de Freitas<sup>1</sup>; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável/UFPA/NCADR/PPGAA, [riedfreitas@yahoo.com.br](mailto:riedfreitas@yahoo.com.br); <sup>2</sup> Docente/UFPA/NCADR/PPGAA, [gguerra@ufpa.br](mailto:gguerra@ufpa.br)

**Resumo**

Neste texto são analisadas as percepções de famílias atingidas pelas transformações em decorrência do empreendimento de construção da Hidrelétrica de Belo Monte, na Volta Grande do Xingu em Vitória do Xingu-PA. Os procedimentos metodológicos consistiram em 15 entrevistas gravadas no período de maio a julho de 2012, convivência e observação do cotidiano das famílias, e análise de documentos, panfletos, abaixo-assinados, documentários conseguidos junto aos movimentos sociais e às próprias famílias. As percepções dos moradores amparam-se em dois aspectos: o primeiro ligado aos problemas que as hidrelétricas ocasionam nas áreas onde são implantadas, em contraponto com a valorização do local em vivem, não só no aspecto material, mas das múltiplas dimensões que qualificam positivamente seus modos de vida. O segundo aspecto está ligado ao drama das transformações socioambientais a partir do início da construção da hidrelétrica.

**Palavras-chave:** Hidrelétrica; Conflito; Expropriação; Rio Xingu; Desterritorialização.

**Abstract**

It is analyzed in this text the perception of the families stricken by the transformations occurred as a result of the construction of *Belo Monte* Hydroelectric Dam, in an area named *Volta Grande do Xingu*, in the municipality of *Vitória do Xingu*, in the Brazilian state of *Pará*. The methodological procedures consisted in 15 recorded interviews from May to June 2012, familiarity and observation of families' daily life, document analysis, pamphlets, the undersigned, documents acquired with social movements and the families themselves. The residents' perception is based on two aspects: first, related to the issues the hydroelectric dams cause to their impacted areas, opposing to their residential areas, not only financially speaking, but in multiple dimensions in which their lives qualify positively. Secondly, related to the social and environmental transformation drama from the beginning of the construction on.

Keywords: Hydroelectric; Conflict; Expropriation; *Xingu* River; Deterritorialization.

**Introdução**

A implantação de hidrelétricas é um processo contraditório marcado por conflitos e injustiças, contrariando interesses de populações locais, embasado no “argumento genérico e abstrato pautado em um suposto benefício público ou bem comum” (MAGALHÃES; HERNANDEZ, 2010, p. 01). Para Zhouri e Oliveira (2007) duas



racionalidades são relevantes para entendermos os significados que estes projetos representam:

... de um lado, as populações ribeirinhas que resguardam a terra como patrimônio da família e da comunidade, defendido pela memória coletiva e por regras de uso e compartilhamento dos recursos; de outro lado, o Setor Elétrico, incluindo-se o Estado e empreendedores públicos e privados que, a partir de uma ótica de mercado, entendem o território como propriedade, e, como tal, uma mercadoria passível de valoração monetária (ZHOURI; OLIVEIRA, 2007, p. 120).

No rio Xingu as discussões sobre a implantação de projetos hidrelétricos iniciaram na década de 1980 até que em 2010 a Usina hidrelétrica de Belo Monte, projetada com capacidade de potência instalada de 11.233,1 MW, passou a ser construída na Volta Grande do Xingu, em Vitória do Xingu-PA. Os protestos, disputas judiciais e conflitos socioambientais se intensificaram e os efeitos do processo de desterritorialização recaem sobre populações locais que por diversos motivos estão em desvantagem no jogo político e tecnológico em que se desenvolveu o debate sobre a implantação dessa grande obra. Neste texto são analisadas as percepções de famílias atingidas pelas transformações em decorrência do empreendimento de construção da Hidrelétrica de Belo Monte.

### **Metodologia**

Esta pesquisa foi realizada com famílias residentes nas localidades São Raimundo Nonato e Ramal dos Penas, na Volta Grande do Xingu no município de Vitória do Xingu-PA. Foram feitas 15 entrevistas gravadas no período de maio a julho de 2012 com os moradores mais antigos do local, bem como os que de alguma maneira participaram de mobilizações contra a construção da barragem. Parte da pesquisa consistiu na convivência e observação do cotidiano das famílias. Foram feitas anotações no caderno de campo do que foi visto e ouvido. Como complemento foram feitas análises de documentos, panfletos, abaixo-assinados, documentários conseguidos junto a organizações do movimento social e às famílias atingidas. Como forma de preservar os interlocutores, todos os nomes citados neste trabalho são fictícios.



## Resultados e discussões

O debate sobre os barramentos no Xingu iniciou com a primeira divulgação do projeto. Mesmo antes do início das obras, a hidrelétrica de Belo Monte fazia parte do imaginário das famílias que residem na Volta Grande do Xingu, principalmente em relação a problemas previstos como os impactos ambientais, aumento de mosquitos, doenças e violência. Somados ao medo de não serem indenizados, estes são os elementos utilizados para justificar seus posicionamentos para que não fosse construída a barragem. O depoimento abaixo, retirado de um abaixo assinado, é representativo dessa fase.

Sou contra por 1º momento vou sair da minha terra. Se chegar a pegar a indenização não compensa pagar o trabalho que já tive; 2º Vem poluição, destruição das matas aumento como murissoca (muriçoca), as praias do rio vai acabar tudo, vai corta os igarapés. [...] Nos (Nós) não se adapta na cidade, nós só sabemos viver na rossa (roça). Eu não que (quero) a barragem por que eu gosto muito daqui. Nos (Nós) plantamos cacau, temos uma terra muito fértil, nós temos água por gravidade próximo a estrada com apenas 75 km de Altamira. O Governo não tem outra igual. Eu tenho os meus filhos e desejo (desejo) criar nessa terra. Se acontecer a barragem a nossa vida de boa qualidade vai se (ser) destruída para sempre (Agricultor, Travessão do 45 – Cobra Choca)

Um agricultor, em entrevista, expressa seu posicionamento em relação ao tema da construção da hidrelétrica:

Eu pensei assim: que ia ter o problema de doença sério que nós já sabemos que a gente já [está] vendo o exemplo. Nós ia ter problema arriscado também a sair de tudo que é jeito igualmente foi [em] Tucuruí, né? [...] Há muitos anos eu sei disso. É arriscado aconteceu tudo isso com nós. Tudo traz preocupação pra nossa vida (JOÃO, 2012, morou no Ramal dos Penas).

Ao mesmo tempo em que há o receio dos problemas, chama a atenção o fato de que esses mesmos agricultores contrapõem as possíveis consequências aos fatores que qualificam positivamente o local onde moram. Há a enumeração de qualidades como: fertilidade da terra, o plantio de cacau, as pastagens, o acesso a fontes de água de qualidade. Eles evocam que estar ali tem um significado muito amplo. Os depoimentos acima apresentados funcionaram, por um lado, como afirmação e por outro lado, como questionamento dos riscos a que podem ser submetidos,



manifestado na possibilidade de perder o controle da produção do próprio alimento, os laços sociais construídos, a história de vida no local.

O discurso vai ganhando grau de dramaticidade à medida em que o processo de desterritorialização é iniciado, sobretudo no que diz respeito às relações sociais estabelecidas que passam a ser desmoronadas. O sentido de desterritorialização que deve ser tomado neste trabalho é o proposto por Haesbaert:

Desterritorialização, portanto, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial [...] Na sociedade contemporânea, com toda a sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de „exclusão“, ou melhor, de precarização socioespacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador é o principal responsável pela desterritorialização”. (HAESBAERT, 2007, p. 68).

No ramal dos Penas um agricultor relata esta dolorosa experiência:

Hoje nós temos aqui somente eu e o filho, meu pai com um irmão meu que morava com ele, e um sobrinho que mora com meu pai. Nós era quatro irmão e uma irmã. Tudo morava aqui. Os lotes deles era aqui de frente. Meu cunhado morava aqui de frente, outro irmão meu era bem ali perto do véi meu pai. Era tudo aqui, a família reunida. Um socorria o outro (JOÃO, 2012).

O problema em torno da construção da barragem ganha contornos dramáticos à medida em que as transformações ambientais e sociais ocorrem de maneira rápida. Os moradores se depararam com saídas de amigos, parentes, passaram a conviver com prostíbulos, estradas interditadas, trânsito constante de veículos pesados, enfim mudanças na lógica da vida no território. Outro agravante do processo de desterritorialização conforme destacam Silva et al. (2013) é que, em busca da diminuição de custos, é promovida pelos empreendedores, avalizados pelo estado, a homogeneização de fatos e feitos que desvalorizam a história e desrespeitam traços culturais e as especificidades de cada localidade.

## **Conclusões**



A insatisfação dos moradores atingidos pela construção de Belo Monte se manifestou desde a década de 1980, quando os indígenas fizeram vigorosa manifestação de protesto contra este empreendimento. Os elementos dramáticos se intensificaram com a veiculação das notícias de implementação da construção, com a chegada dos técnicos e operários e com as operações de desocupação da área. A eliminação da flora e fauna, o alagamento de sítios arqueológicos e culturais, a mudança do regime das águas, a perda da diversidade biológica são impactos concretos.

É flagrante no discurso o grau de incerteza quanto ao futuro, o desagrado quanto ao desmonte de suas vidas com a destruição das moradias, dos plantios estabelecidos há décadas, da destruição de relações sociais e familiares, que se contrapõe ao discurso oficial e empresarial do progresso econômico calcado na oferta temporária de empregos, no aquecimento do mercado local e na produção de energia. As marcas da contradição e da ironia são as mais expressivas em todo o processo de construção de Belo Monte, Belo Monstro para o movimento contestador de sua implantação.

#### **Referências bibliográficas:**

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al. (Org.). **Território Territórios**. 3ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-71.

MAGALHÃES, S. B.; HERNANDEZ, F. M. Ciência, Cientistas, Democracia desfigurada: o caso Belo Monte. In: Encontro Latinoamericano Ciências Sociais e Barragens, 3., 2010, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém, 2010. Disponível em: <<http://www.ecsbarragens.ufpa.br/site/cd/ARQUIVOS/GT1-108-151-20101118175227.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2011.

SILVA, D. C.; BEZERRA, T. S. L.; SANTOS, J. B.; HERRERA, J. A. Política desenvolvimentista e desterritorialização na Amazônia: a construção da Hidrelétrica de Belo Monte e o desrespeito às comunidades ribeirinhas do Xingu, na Amazônia Paraense. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, p. 15-30, 2013.

ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R. Desenvolvimento, Conflitos Sociais e Violência no Brasil Rural: o caso das usinas hidrelétricas. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 119-135, jul.-dez. 2007.